Apresentação do Dossiê Literatura e investigação: enquete, entrevista, testemunho e reportagem nos séculos XIX e XX

Organizadores:

Valéria Cristina Bezerra (Universidade Federal de Goiás)

Zadig Gama (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Nataly Jollant (Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne)

A investigação, definida na 5ª edição (1798) do *Dictionnaire de l'Académie Française* como uma pesquisa contínua sobre algum objeto e precisada, na 9ª edição (2024), como uma pesquisa minuciosa, constitui um ponto de partida fundamental para compreender as práticas discursivas que aproximam literatura e gêneros investigativos. Ao longo dos séculos XIX e XX, tais práticas se diversificaram, consolidando procedimentos que articulam a busca pela veracidade dos fatos com métodos específicos de coleta, verificação e interpretação de informações. Em uma perspectiva mais recente, Labarthe (2020) observa que a investigação se caracterizaria pelo aprofundamento do trabalho de enquete, entendido como um esforço de longo prazo voltado à busca e à revelação de fatos e informações, sempre a partir de um tema de interesse público. A enquete, assim como a entrevista e o testemunho, compõe esse conjunto de maneiras de proceder que, combinando técnicas diversas – da interrogação sistemática de fontes à reconstrução narrativa de experiências –, compartilham a finalidade de produzir conhecimento sobre zonas obscuras ou pouco visíveis da realidade.

No século XIX, a literatura não apenas tomou parte nesse movimento como o ampliou e o estetizou. No prefácio do romance *Germinie Lacerteux* (1865), Edmond e Jules de Goncourt descrevem

o gênero Romance – com maiúscula – como "a grande forma séria" que "se impôs os estudos e os deveres da ciência" (Goncourt, 2023 [1865], p. XII). Essa caracterização destaca, de um lado, a prosa como forma literária dominante e, de outro, a aproximação dessa prosa com métodos analíticos oriundos não somente da medicina como também do jornalismo. A "seriedade" que reivindicam para o romance reside justamente na adoção de práticas de observação minuciosa e tomada de notas, valendo-se de *documentos humanos* que aproximariam a obra literária de um estudo pautado por certa imparcialidade médica e jornalística. A literatura dita séria, segundo os irmãos Goncourt, seria aquela capaz de representar disposições e atitudes humanas com base em métodos quase científicos, libertando-se, assim, de determinados juízos da crítica ao se alçar ao estatuto de estudo clínico e social.

Essa concepção, retomada e radicalizada alguns anos mais tarde por Émile Zola, figura no *Roman expérimental* (1880). Ao descrever os procedimentos dos escritores contemporâneos, Zola afirma:

> Eles estabelecem quase todas as suas obras a partir de notas tomadas longamente. Quando estudaram com um cuidado escrupuloso o terreno onde devem caminhar, quando se informaram em todas as fontes e têm em mãos os múltiplos documentos de que precisam, só então decidem escrever (Zola, 1881, p. 206-207, tradução nossa)[1].

O método descrito por Zola eleva a documentação ao centro do processo literário, fazendo da investigação prévia não apenas um suporte, mas uma condição epistemológica para a escrita do romance.

Ao mesmo tempo, os jornais do século XIX contribuem decisivamente para difundir e transformar tais práticas. Procedimento inicialmente associado aos inquéritos judiciais, a enquete se

1 Texto original: "Ils établissent presque tous leurs œuvres sur des notes, prises longuement. Quand ils ont étudié avec un soin scrupuleux le terrain où ils doivent marcher, quand ils se sont renseignés à toutes les sources et qu'ils tiennent en main les documents multiples dont ils ont besoin, alors seulement ils se décident à écrire".

instala nas páginas da imprensa, que oferece aos leitores descrições detalhadas de *faits divers* e atualizações sobre investigações em curso. Conforme Marie-Ève Thérenty, essa forma se torna rapidamente um mecanismo central de mediação entre fatos, leitores e imaginários sociais, a ponto de as enquetes modernas se desenvolverem "segundo o protótipo estabelecido por Jules Huret, que consagrou o modelo do gênero, sendo, aliás, o único a realmente passar para a posteridade"[2] (2016, p. 28, tradução nossa). Isso se explica, acrescenta a autora, pelo fato de sua enquete ter funcionado como "um catalisador hiperbólico de todas as características do gênero e, graças à personalidade do *enquêteur*, [como] uma obra-prima de manipulação midiática e literária"[3] (*ibidem*).

A entrevista, surgida entre 1870 e 1880, acompanha o desenvolvimento da reportagem à americana e se impõe como técnica central do jornalismo moderno. Prática dialogada que combina investigação, encontro presencial e encenação textual, ela se transforma rapidamente em um acontecimento de atualidade, capaz de relatar fatos e, mais ainda, de produzir a própria notícia. Muitos jornalistas franceses da virada do século, rejeitando o modelo estenográfico anglo-americano, defendem uma "entrevista à francesa", mais literária e menos mecânica, cujo objetivo era "evocar aquele que fala, dar a impressão de sua voz, de seu gesto, de sua fisionomia" (Thérenty, 2007, p. 330-333, tradução nossa)[4]. Trata-se de uma forma híbrida que aspira a captar a presença viva do entrevistado e a converter a interlocução em retrato literário.

A afirmação da reportagem, por sua vez, redefine a posição do jornalista na cena pública. Este adquire uma função particular: "torna-se a consciência observante do século responsável pelos protocolos do testemunho ocular"[5] (*Ibidem*, p. 354, tradução nossa). Essa função age como instância legitimadora do papel do

2 Texto original: "selon le prototype mis en place par Jules Huret qui a consacré le modèle du genre et qui est d'ailleurs le seul à être vraiment passé à la postérité".

3 Texto original: "un catalyseur hyperbolique de toutes les caractéristiques du genre et aussi, du fait de la personnalité de l'enquêteur, un chef-d'œuvre en termes de manipulation médiatique et littéraire".

4 Texto original: "évoquer celui qui parle, donner l'impression de sa voix, de son geste, de sa physionomie".

5 Texto original: "Le journaliste devient la conscience observante du siècle en charge des protocoles du témoignage oculaire".

jornalista-repórter no começo do século XX (*Ibidem*). Sua figura torna-se central para a produção e circulação de relatos sobre o real, contribuindo para a consolidação de um regime de visibilidade que articula observação direta, narrativa e autoridade testemunhal.

As relações entre a literatura e os gêneros textuais ligados à investigação não constituem um fenômeno recente: ao longo dos séculos, observa-se a evolução das formas de escrutínio, tanto documental quanto testemunhal, e seus efeitos na formação dos imaginários sociais e literários, nos quais se articulam veracidade, poder e sensibilidade. Ao explorar a presença, a circulação e a transformação desses gêneros nos séculos XIX e XX em interface com a escrita literária, o presente dossiê procura ressaltar como tais práticas contribuíram para renovar formas de representação do real e para reconfigurar os modos de construção e recepção das obras, evidenciando a permanência e a vitalidade deste diálogo entre investigação e criação literária.

Nesse contexto, o dossiê tem por objetivo examinar, por diferentes ângulos, a maneira como os gestos investigativos alimentaram a literatura, seja pelo deslocamento do escritor ao terreno, pelo encontro com testemunhas, pelas notas colhidas *in loco* ou pela incorporação de procedimentos próprios da enquete ao texto literário. Busca igualmente analisar o papel desempenhado por críticos literários, jornalistas, biógrafos e historiadores da literatura que, valendo-se desses mesmos gêneros, contribuíram para moldar a recepção das obras e a imagem de seus autores.

Esse conjunto de propósitos delineia o fio condutor que orienta os estudos reunidos neste dossiê, permitindo acompanhar a diversidade de dimensões específicas da relação entre literatura e práticas de apuração e inquirição do real. O primeiro artigo do dossiê propõe justamente uma análise da enquete como forma de investigação, método de conhecimento e modelo narrativo, acompanhando sua trajetória histórica, filosófica e literária. Em "Enquete sobre a enquete: um modelo historiográfico, um modelo romanesco", Éléonore Reverzy propõe uma análise lexicográfica do termo entre os séculos XVII e XIX e de suas origens jurídicas e

epistemológicas, reconstituindo sua genealogia desde a Grécia antiga, com Heródoto, até sua reconfiguração moderna. Em diálogo com Michel Foucault, que identifica a enquete como um regime de verdade anterior ao exame, e com Carlo Ginzburg, que associa o paradigma indiciário à leitura de vestígios e sintomas, o artigo mostra como, no século XIX, ações investigativas atravessaram o campo social, científico e literário – das pesquisas administrativas e médicas às grandes enquetes jornalísticas e ao romance realista-naturalista. Nessa perspectiva, a literatura do século XIX transforma esse gênero em um modelo estético e metodológico, sobretudo nas obras de Zola e dos irmãos Goncourt, em que o escritor assume o papel de repórter ou pesquisador.

Ao final do século XIX, a enquete cria zonas de contato e de hibridização entre a escrita literária e a escrita jornalística, constituindo-se como um dos principais modos de encenação pública da vida intelectual francesa. É o que mostra o artigo "A enquete literária na Belle Époque e a teatralização mediática, de Huret a Henriot", no qual Luciana Persice Nogueira-Pretti examina, a partir do exemplo de *Classicisme et romantisme* – resposta de Marcel Proust à enquete promovida em 1920 por Émile Henriot para o jornal *La Renaissance politique, littéraire, artistique* –, como essa prática, situada entre o jornalismo e a crítica, reflete a teatralização do campo literário e a multiplicação dos papéis desempenhados por escritores, jornalistas e críticos. A enquete surge, assim, como espaço de mediação entre literatura e imprensa, que amplia o debate intelectual ao democratizar a voz dos escritores e transformar a cena literária em espetáculo público de circulação de ideias. Esse caráter espetacular se intensifica com as enquetes de Jules Huret, cuja *Enquête sur l'évolution littéraire* (1891) constituiria o modelo inaugural do gênero ao combinar entrevista, polêmica e *mise en scène* jornalística. Manipulando o campo como um diretor de cena, Huret impõe-se como mediador e uma espécie de empresário da literatura, transformando as querelas de tendências estéticas e de geração em verdadeiras performances midiáticas. No início do século XX, Émile Henriot retoma esse modelo em suas próprias en-

quetes – entre elas *À quoi rêvent les jeunes gens* (1913) –, nas quais a nova "juventude literária" se apresenta como herdeira, mas também como personagem desse teatro público da literatura.

A entrevista literária, embora derive de um mesmo modelo, o de Jules Huret, assume configurações distintas na França e no Brasil. Essa diferenciação é analisada, em perspectiva transnacional, por Ana Laura Donegá e Danielle Crepaldi Carvalho no artigo "Da Enquête de Jules Huret à crônica-inquérito de João do Rio: jornalismo e literatura na França e no Brasil da virada do século XX", no qual comparam a *Enquête sur l'évolution littéraire* (1891), de Jules Huret, e *O momento literário* (1908), de João do Rio. Por meio de um estudo da formação do modelo narrativo popularizado por Huret na França, é traçada a origem do gênero entrevista literária e o papel do jornalista francês na sua consolidação. Em sua série de sessenta e quatro entrevistas com grandes nomes da literatura francesa e mundial, publicadas originalmente no jornal *L'Écho de Paris*, Huret capta a vida literária da época, ao mesmo tempo que introduz uma dimensão eminentemente íntima em suas entrevistas e contribui para um novo equilíbrio nas relações entre jornalismo e literatura. O seu modelo de entrevista serviu de inspiração para outros jornalistas, como foi o caso de João do Rio, que adaptou o paradigma de base aos moldes brasileiros, conforme demonstra o exame de sua apropriação do método de Huret. A avaliação das correspondências e das dissonâncias entre suas respectivas obras ressalta as peculiaridades da evolução da entrevista literária no Brasil e na França.

No Brasil, o diálogo entre literatura e jornalismo também se consolidou, integrando práticas de investigação e de ficcionalização que marcaram tanto o gênero policial quanto a entrevista literária. É o que analisam Lucia Granja e Ana Carolina Teles no artigo "Júlia Lopes de Almeida, a mulher de papel e os papéis de mulheres: das enquetes de João do Rio aos relatos de viagem da escritora", que examina como João do Rio, em *O momento literário* (1905), representa Júlia Lopes de Almeida e como essa representação moldou a recepção crítica da autora ao longo do século XX. Embora sua carac-

terização de Júlia Lopes, marcada pela admiração, a insira em um discurso patriarcal – apresentando-a como "dona de casa", "mãe" e "esposa" em um "lar de artistas" –, a análise documental e literária feita pelas autoras do artigo permite reavaliar essa imagem. Júlia Lopes de Almeida destacou-se desde jovem como cronista e contista em jornais de grande circulação, como a *Gazeta de Campinas* e *A Província de São Paulo*, alinhando sua escrita às práticas jornalísticas e ao ideário liberal-progressista da época. Seus textos, centrados em temas sociais, morais e na condição feminina, revelam uma autora consciente e engajada, cuja trajetória não se explica por tutelas masculinas. Em 1914, representando as letras brasileiras em Paris, Júlia reafirmou sua posição no espaço transnacional das escritoras-jornalistas, ainda que a imprensa insistisse em associá-la à esfera doméstica. Ao reexaminar sua obra e sua figura pública, o artigo evidencia como sua escrita e atuação intelectual questionaram, desde cedo, as fronteiras entre o público e o privado, a sensibilidade e a crítica social, desafiando os limites de gênero que estruturavam o campo literário e jornalístico de seu tempo.

As relações entre jornalismo e literatura acontecem não somente pela integração de práticas de escrita como também pela permeabilidade entre gêneros ligados ao jornalístico e ao literário. É o que mostra Ana Gomes Porto, no artigo "Os traços e as feições do 'caso Castro Malta' na imprensa oitocentista", ao analisar a agitação midiática provocada pelo desaparecimento de João Alves de Castro Malta, em 1884, que gerou diversas notícias em periódicos nacionais e mobilizou intensamente a opinião pública em torno de um caso policial. A leitura da repercussão do episódio em jornais cotidianos e folhas ilustradas feita pela autora evidencia a atuação dos "escritores-jornalistas" na orientação do debate público em um momento em que jornalismo e literatura se revelam indissociáveis. Em seguida, através de um enfoque sobre a ação do escritor Aluísio Azevedo em jornais, o estudo busca elucidar até que ponto uma crônica policial se tornou fonte para a criação literária. Inspirando-se no "caso Castro Malta", Azevedo publicou em formato de folhetim uma narrativa ficcional que oscilava entre

o factual e o verossímil. A ficcionalização da ocorrência criminal acrescentou novos elementos aos debates em torno do episódio e abriu espaço para a hipótese de que o "caso Castro Malta" figura na gênese do romance policial brasileiro.

A investigação enquanto prática ligada à escrita literária, no século XX, volta-se para os novos contextos impostos pelo político e pelo social e lança mão de estratégias de observação, dando atenção às pequenas cenas quotidianas e capturando vozes até então pouco escutadas. Assim, os gêneros investigativos passam a participar da produção de memórias subjetivas sobre acontecimentos. Essa dinâmica é examinada por Priscila Renata Gimenez e Caroline Brandão Carneiro no artigo "Colette cronista do *Le Matin*: vestígios de registro e testemunho da Primeira Guerra Mundial na escrita de uma escritora-jornalista", que analisa como a autora mobiliza perspectivas singulares para abordar questões sociais e históricas do início do século XX, especialmente no que diz respeito à condição das mulheres. Romancista e jornalista, Colette assinou inúmeras crônicas jornalísticas que lançam luz sobre os grandes acontecimentos históricos, culturais e sociais das primeiras décadas do século XX na França, sob a perspectiva de um olhar feminino. Em um período em que a imprensa era predominantemente masculina, Colette destacou-se como uma voz atuante e relevante na defesa de pautas coletivas, como demonstra a proposta de leitura analítica das crônicas "Femmes seules" e "Les Retardataires", publicadas no contexto da Primeira Guerra Mundial, em fevereiro de 1915. Ambas constituem um retrato social das mulheres em uma época em que boa parte dos homens se encontrava mobilizada no *front*. A crônica "Répétition Générale", por sua vez, publicada em março do mesmo ano e que apresenta uma visão da sociedade parisiense em meio à decadência da *belle époque*, revela o olhar aguçado da cronista sobre outras questões sociais.

As fronteiras entre literatura e investigação, antes mais nitidamente definidas, tornaram-se progressivamente imprecisas. O entrelaçamento entre técnicas literárias – da elaboração estética à construção romanesca e à organização narrativa – e procedimen-

tos jornalísticos de investigação – como a reportagem, a coleta de depoimentos e a apuração factual – passa, assim, a tensionar e até a redefinir os limites entre ficção e não ficção. Esse processo de criação literária que redesenha limites genéricos é objeto de análise no artigo "Trajetórias da realidade romanceada: percalços composicionais e biográficos em *A Sangue Frio*, de Truman Capote", de Manfred Rommel Pontes Viana Mourão. A partir de uma perspectiva genética e do exame de documentos epistolares, o estudo destaca o pioneirismo de Capote ao propor um novo modelo de narração romanesca em *A Sangue Frio* (1966), obra na qual o escritor articula técnicas de reportagem jornalística e narrativa romanesca tradicional. Da mesma forma que Capote segue os rastros dos assassinos de quatros membros de uma mesma família, reunindo indícios e relatos num esforço investigativo, Mourão persegue os vestígios deixados pelo escritor ao longo de seu trabalho de enquete e de escrita, a fim de compreender seu processo investigativo e criativo. Para tanto, retraça debates do século XX envolvendo literatura e reportagem e observa que o desenvolvimento desta se deu em proximidade com a literatura, destacando romancistas que também foram jornalistas, do que decorre o caráter inevitável desse entrelaçamento. Em seguida, a exploração da correspondência de Capote mostra a evolução do processo investigativo, seletivo e estético prévio à elaboração da obra e permite depreender a triagem de informações feita pelo autor e a criação da estética adotada. A partir da análise do conjunto de cartas, Manfred Mourão retoma a relação entre jornalismo e ficção para compreender o estatuto da obra, propondo, ao final, uma reflexão sobre como *A Sangue Frio* revisita e questiona noções tradicionais do romance e cria uma forma narrativa que se tornaria referência para autores que se valem em suas obras do que se convencionou chamar de *true crime*.

Dentre eles, está o escritor brasileiro Ullisses Campbell, que assina a autoria de obras sobre casos criminais famosos em razão de uma forte exploração sensacionalista pela mídia no país. Neste dossiê, Jaimeson Garcia Machado, Vitória Rössler de Abreu

e Cristiane Lindemann desvendam "A receita de um (*true*) *crime*: a fórmula narrativa de Ullisses Campbell na trilogia *Mulheres assassinas* (2023)". O estudo propõe-se, assim, a revelar os ingredientes de uma receita de um *true crime* preparada por Campbell, metáfora gastronômica que perpassa a análise, em uma demonstração de escrita criativa e imaginativa em texto de natureza acadêmica, fisgando o leitor tal qual as narrativas de que tratam. No entanto, a minudência da análise sugere antes o manuseio pelos autores de um escalpelo, ao dissecarem as três obras em questão com o intuito de identificar um *modus operandi*, para usar um jargão criminal, dos livros de Campbell sobre as três célebres assassinas. Como mostra o exame de suas obras, a par de seu compromisso com as fontes e os documentos, Campbell constrói uma narração que prima pelos recursos literários, o que denuncia a impossibilidade da apreensão da verdade dos fatos devido à imprecisão de documentos e *à* manipulação feita pelas testemunhas em suas falas. Assim, os livros *Suzane: assassina e manipuladora* (2020); *Elize: a mulher que esquartejou o marido* (2021) e *Flordelis: a pastora do Diabo* (2022) são interpretados sob o prisma dessa interrelação entre compromisso com os documentos e recursos literários, nos quais os autores constatam uma anatomia em comum, em razão de progressões narrativas equivalentes presentes nas três obras. Também observam a construção de arquétipos representativos dessas mulheres, que permeiam não só a narrativa como também são evidenciados nos paratextos e na materialidade desses livros. Na conclusão, reforçam o gênero em questão, no qual se amalgamam procedimentos e recursos das esferas investigativa, jornalística e literária: tratam-se de biografias, em que as biografadas são apresentadas segundo uma representação imagética escolhida por Campbell, em consonância com as expectativas do público leitor.

E é com o estudo de uma biografia que este dossiê se encerra. Em "*Malala, a menina que queria ir para a escola*: a biografia entre realidade e poética", Andreza Pereira reafirma os laços entre jornalismo e literatura ao demonstrar a articulação do gênero biografia com os fatos episódicos de uma vida, identificados a partir de uma enque-

te de caráter jornalístico, com recursos próprios da narrativa literária. A autora mostra, diacronicamente, de que modo esse gênero se constitui e se caracteriza até passar a se inscrever no âmbito do jornalismo, configurando-se como um "livro-reportagem". Isso porque, conforme Andreza Pereira, as biografias modernas resultam de procedimentos investigativos próprios da reportagem, em que os fatos relacionados à vida de uma pessoa são apurados, selecionados, sistematizados e editados, sob uma determinada perspectiva escolhida pelo mediador, que as apresenta de forma estetizada, poética, a fim de tornar a obra atrativa. Sob esses pressupostos, apresenta-se o modo de elaboração de *Malala, a menina que queria ir para a escola,* que começa a ser idealizado com a ida da biógrafa, a jornalista Adriana Carranca, à região em que Malala cresceu, no Paquistão, em busca de conhecer as circunstâncias das mulheres e meninas que ali viviam e as implicações da geografia, da família e da política na vida de Malala. O artigo expõe o tratamento dado pela biógrafa à história e à rotina da jovem ativista paquistanesa e ao impacto da presença talibã e do atentado perpetrado com o fim de impedir Malala de realizar o seu desejo de frequentar a escola. Andreza Pereira sustenta que o episódio, carregado de dramaticidade, proporciona à biografia o conflito e a tensão característicos da narrativa ficcional, ao passo que os dados levantados sobre a vida da biografada adquirem um tratamento literário.

O conjunto desses nove estudos, que descortinam os meandros da investigação na literatura e identificam métodos e documentos que integram o processo criativo literário, como a enquete, a entrevista, o testemunho e a reportagem, aprofundam reflexões sobre uma faceta pouco explorada da literatura: sua relação com as práticas investigativas. Ao examinar as condições de produção literária que esses gêneros jornalísticos proporcionaram, o dossiê evidencia a *mise en littérature* de procedimentos investigatórios e instiga uma reflexão crítica sobre seus desdobramentos.

As abordagens aqui apresentadas reforçam o quanto a literatura é perpassada por elementos extraliterários e lançam luzes sobre esses aspectos muitas vezes negligenciados por análises literá-

rias que se centram no texto (Mello; Catharina, 2022). Este dossiê contribui, portanto, com o redimensionamento dos estudos literários ao colocar em perspectiva, para a compreensão de obras, materiais produzidos pela investigação literária e jornalística.

Finalmente, gostaríamos de registrar nosso sincero agradecimento às autoras e aos autores que submeteram seus textos, cuja colaboração e cujo rigor intelectual foram fundamentais para dar forma e sentido a este dossiê. Estendemos igualmente nossos agradecimentos às pareceristas e aos pareceristas que, com atenção crítica e generosidade acadêmica, participaram das etapas de avaliação, contribuindo decisivamente para o aprimoramento dos trabalhos aqui reunidos. Agradecemos também à equipe editorial da revista *Signótica* pela acolhida e pelo cuidado dedicado a cada fase do processo de edição. Por fim, às leitoras e aos leitores, desejamos uma jornada de leitura proveitosa, capaz de suscitar novas reflexões, diálogos e desdobramentos de pesquisa. Esperamos que os textos reunidos neste dossiê possam estimular debates e abrir caminhos férteis para investigações futuras.

Referências

Dictionnaire de l'Académie Française. "Investigation". 5. ed., tomo 1, 1798. Disponível em: https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A5I1055. Acesso em: 17 nov. 2025.

Dictionnaire de l'Académie Française. "Investigation". 9. ed., on-line, 2024. Disponível em: https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9I1940. Acesso em: 17 nov. 2025.

GONCOURT, Edmond e Jules de. Tradução dos prefácios de *Germinie Lacerteux*, dos irmãos Goncourt. Trad. Zadig Gama. *Itinérerios*, v. 1, p. 229-240, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.58943/irl.v1i56.17781. Acesso em: 27 jun. 2024.

LABARTHE, Gilles. *Mener l'enquête: arts de faire, stratégies et tactiques d'investigation de journalistes*. Lausanne: Antipodes, 2020.

MELLO, Celina Maria Moreira de; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira. *Metodologia e transdisciplinaridade nos estudos literários*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2022.

THÉRENTY, Marie-Ève. *La littérature au quotidien*. Poétiques journalistiques au XIX[e] siècle. Paris: Éditions du Seuil, 2007.

THERENTY, Marie-Ève. Le moment Huret ou le relais agonistique des autorités; sur l'autonomisation et la médiatisation de la littérature. *Interfaces*, v. 25, p. 27-41, 2016. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/29556. Acesso em: 17 nov. 2025.

ZOLA, Émile. *Le Roman expérimental*. Paris: Charpentier, 1881. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k113130k. Acesso em: 23 out. 2025.